

ALVORADA

2.º Ano

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Número 94

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues

Redacção e administração
Rua da República
GUIMARÃES

Redactor principal,
A. L. de Carvalho

Propriedade da Empresa da ALVORADA

Guimarães, 5 de Setembro de 1912

Secretário da redacção,
Capitão L. A. Pina Guimarães

Officinas de composição e impressão
Tipografia Minerva Vimaranesa
R. DE PAIO GALVÃO

Os partidos e a politica nacional

A revolução republicana encontrou a massa popular em várias posições relativamente à nova politica que se propunha executar. Havia o partido republicano, então chamado a um dispêndio intenso de energia, e moralmente obrigado a seguir o único direito caminho da realização do programa democrático; existiam os partidos monárquicos, que a acção do franquismo e a detestável orientação actiançada do último reinado esfacelaram em tam numerosos como inconscientes núcleos, pois, na última fase, quasi apenas se entretinham em continuas subdivisões (que afinal iriam ter a formação de duas seitas rotativistas)—os progressistas: de que saíram os dissidentes; os regeneradores—separados em teixeiristas (os avançados), henriquistas e venceslausistas (moderados e cortesãos); os regeneradores-liberais: já scindidos em dois grupos, o do «Diário Ilustrado», apoiando-se nos antigos regeneradores, e o do «Jornal da Manhã», aliado ao bloco; e os nacionalistas, que apresentavam uma facção mais tolerante e outra singelamente ultramontana. Mais vasta era a multidão dos indifferentes, roendo-se na apatia, acrescida em cada hora por novos desiludidos, forças cansadas que vinham para a abstenção convencidas de que estavam a precepar-nos aceleradamente na ruina.

Se os fenómenos políticos obedecessem a leis tam simples como as da geometria ou da mecânica, não difficilmente se indicaria a marcha a seguir por cada um sob o impulso das novas circunstâncias do meio. Não aconteceu, porém, o que a razão, inexperiente das modificações sociais, pudera supor.

Ainda até hoje não se formou, não se agremiou um partido monárquico, naturalmente alimentado pelos grupos conservadores do passado regímen, no qual competiria uma acção nobre de fiscalização e tradicionalismo. Uns encolheram-se, rendidos á evidencia—que teimam em não confessar publicamente—de não ser mais possível a monarquia portuguesa, pois entre nós e a ideia monárquica identificou-se absolutamente com a degradação moral, o aviltamento cívico e a ruina económica. A verdade é que os monárquicos não consentiram que se saneasse a monarquia. Outros pegaram em armas em território espanhol, fomentando assim a velha e ridícula ambição do iberismo, da nossa absorção pela Espanha. E terceiros houve que se integraram na república, ou na seqüência lógica de seus instintos que eram já radicais na monarquia ou inteligente e honestamente dispostos a colaborar na obra iniciada.

Por um lado o partido republicano fragmentou-se talvez prematuramente, em lugar de se limitar, como seria natural e preciso, a estabelecer diversas correntes sem que dalgum modo perdesse a sua indispensável unidade.

Não a perdeu de facto, ao menos por agora, na ideia fundamental: a defesa e a consolidação da república. O que há a lamentar—e a acusar!—é a inconsciência, a leviandade, com que dão a aparência de que estão separados em pontos em que estão essencialmente unidos; os processos de atraente compaixão de que certos lançam mão para fins unicamente eleitorais; a calúnia e a lama e o nojo em que desvairadas ambições chafurdam. Tanto importa! Não há, dentro da república, partidos monárquicos para homens que se queiram manter com as antigas convicções monárquicas. Muitos que assim o pensam, vão tomando posições em um ou outro núcleo dos que mais apropriados julgam a este desideratum. Fatalmente, esses abandonarão a politica republicana no dia em que se desenganarem, ou esses partidos cairão, por força do peso que lhes empestaram, amaldiçoados pela república como traidores, habilidosos tartufos que, arrastados por interesses mesquinhos, colocaram acima do ideal a barriga.

Depois de quarenta e alguns anos de república, os democratas franceses foram obrigados a definir uma politica de união republicana, formando um admirável gabinete de concentração. E' que o perigo ameaçava-os e todos os republicanos eram necessários para o combater. Não longe, o mesmo perigo hade vir ter á nossa porta...

O problema político não se resolve com a galante facilidade da organização dos partidos. Há alguma coisa mais grave que as eleições das câmaras. É o equilíbrio do orçamento, o fomento da agricultura e da indústria, a administração utilitária das colónias, a defesa nacional elevando-nos á posição a que temos direito perante a diplomacia europeia, a obra urgente de solidarização com as classes produtivas, a grande e forte massa operária, a reforma da instrução. Esta a questão, e questão de vida ou de morte. Não há que discutir, não há que trepidar—ou nos juntamos todos nós que conhecemos os nossos deveres na obra instante do resurgimento pátrio, ou então espremos, de braços cruzados, idiótamente saboreando um criminoso egoísmo, a hora trágica da nossa falência. Tal a base do programa republicano, a que todos os cidadãos livres são obrigados a prestar o seu concurso. E

aquele que, bem a sentindo, porque todos a sentem, a inquestionável verdade, ou preferir continuar remoendo o seu despeito, que não tem razão de ser, ou se deixar comodamente ficar em casa, será perante seus filhos, perante os seus concidadãos, perante a humanidade culpado da mais infame cobardia.

Deixemo-nos da triste comédia da politiquice de ambições. Deixemo-nos dos mesquinhos interesses e rivalidades pessoais. Deixemo-nos da intriga e da corrupção de campanário. Deixemo-nos da estulta pretensão de ser cada um o próprio rei da sua freguesia ou da Arcada. Todos somos operários da mesma obra. Ante a gravidade da crise nacional, que triste fantochada não é a do que apenas, embora disfarçadamente, estiver trabalhando para satisfazer a pequena e ridícula aspiração... de ser ministro...

Eduardo de Almeida.



Procissões

Temos visto defender a saída das procissões, argumentando a defesa por esta maneira:

- a) porque eram um estímulo ao comércio;
- b) porque era a satisfação dum necessidade religiosa;
- c) porque as aconselhava uma tática politica de momento.

Nesta afinação, digamos a verdade, também já entramos, *condicionalmente*, pois, quanto a nós, são hoje poucas as procissões que trazem vida aos lojistas, e quasi nenhuma aquelas que tenham significado acentuadamente religioso. Mas eis que vem agora um novo motivo, tam extravagantemente original, que nem sequer como condição de... literatura se concebe ou admite! Ora vejam:

—Que as procissões devem sair, ao menos como documento de tradição religiosa, como obra típica do passado, e por pouco que acrescentam:— como motivo de caricatura original e grutesca!

Ora os... poetas!
—Porque não restauram, porque não fazem a apologia das procissões primitivas, já que querem ficar-se estáticos diante desses cortejos anacrónicos?!

—Lá que eles defendessem as procissões escudados nas três razões acima, vá! Assim, ainda tinham direito á discussão. Fora disso... batatas!

Demais, é mentira dizer-se que foram proibidas, em princípio, as procissões. Há as *procissões* civi-

cas na cidade e as procissões religiosas nas aldeias.

Nova lei do divórcio

No Uruguai, foi há pouco votada pelo senado a lei do divórcio, que só poderá ser solicitado pela mulher dois anos depois do casamento.

Achamos razoável que ao sexo frágil se concedam certas regalias para, por meio delas, se defender das arremetidas, às vezes demasiado cruesis, do sexo forte; todavia, havêmos de concordar que em muitos casos o forte se torna frágil, e, quando isto suceda, os homens do Uruguai ficarão eternamente hipotecados á consorte, se esta teimar em não quebrar o laço... do matrimónio.

Nós, os portugueses, somos bem mais felizes, a não ser que alguém se lembre de dizer que a civilização do Uruguai ultrapassou, no caso sujeito, a nossa...

Um enquiço?

No n.º 320 do «Imparcial», vem um artigo—«O Novo Liceu e o seu Internato», aonde se lê isto:

«E, muito de passagem, para não ferir susceptibilidades, já este ano muito maior seria a sua frequência se na repartição competente as matriculas não tivessem levado um desvio que nada justifica. Mas... adiante.

Saiba a briosa Comissão Municipal cortar o mal pela raiz, e, assim, nós teremos a satisfação de ver coroados do melhor êxito os trabalhos e as canceiras do simpático director daquela casa de ensino.»

Tem já entendido a Comissão Municipal qual seja o perigo que lhe recomenda o «Imparcial» para cortar *pela raiz*?

Caldo dos tristes...

Afirmam-nos que profundamente se abusa na preparação do caldo aos presos, na policia. É má acção quaisquer intuitos de especulação com os desventurados; mas semelhante procedimento refina de crueldade quando a especulação, recai sobre presos. Chamamos a atenção da autoridade administrativa para este abuso.

Padre António Teixeira

Foi pastorear uma freguesia de Rio Tinto este nosso estimado conterrâneo. Nas horas agitadas de defesa republicana, tivemos ocasião de ver a estremada dedicação deste prestantíssimo correccionário, a quem felicitamos, e aos paroquianos que o escolheram para pastorear a sua igreja—porque, a despeito da opinião que por aqui o mordida, o padre António Teixeira sabe conciliar a sua qualidade de cidadão com as suas funções de sacerdote.

Profanação

O padrão que se junta ao templo da Oliveira, êsse monumento de fé que recorda a batalha gloriosa de Aljubarrota, êsse padrão que, como reliquia histórica, devemos respeitar e defender, é, em regra, vitima, como qualquer esquinha, de quanto cartaz anunciador vem a lume, o que devemos de concordar não ser lá muito de molde a recomendar-nos á veneração dos fieis... da arte e gôsto.

Pedimos—reparem que até pedimos!—aos que nos lerem para que propaguem êste aviso defensivo, fazendo dest'arte substituir a placa, que ali não se justifica, e que costuma mostrar estes dizeres:—«E' proibido afixar cartazes neste prédio».

Lograremos ser ouvidos?

Progresso... de caraquejejo

Dantes, quando ainda Guimarães se prezava de ser uma cidade, as malas do correio, que transitavam da estação-postal para a estação do caminho de ferro, eram conduzidas em carro, carro que era puxado por um garrano, garrano que o Tomaz—os senhores conhecem-no?—guiava com mais ou menos força de... chicote. Pois agora, nem carro, nem garrano, nem Tomaz! Perdão. O Tomaz foi o único que se aproveitou, podendo toda a gente que goste de espectáculos edificantes vê-lo várias vezes ao dia carreando ás costas 10 a 12 sacas de lona, a que se deu o nome de—malas do correio.

¿Será pela economia de treze vintens e meio? Pois faça-se uma subscrição e acabe-se com essa vergonha que, além do mais, tem inconvenientes que óbvio será apontar.

Ao sr. dr. Alfredo Pimenta deve a Associação Comercial representar—visto que a questão diz respeito ao fomento nacional.

Dissolveu-se a banda de infantaria 20!!!

Medida de excepção, ou medida geral?

Sabia-se que uma lei de reorganização do Exército, aprovada pelo Governo Provisorio, determinára que as bandas regimentais fossem reduzidas, melhorando-se com o aumento das figuras das bandas dissolvidas as bandas dos corpos das divisões. Sem agora consultar-mos a lei em questão, julgamos ser isto, mais ou menos, o que se havia estabelecido. Succedendo-se porém a êsse ministério um outro, não foi a lei desde logo posta em vigor, tanto mais que, como muitas outras leis decretadas determinaram, foi promulgado um perio-

do para dentro dele se efectivar o grande plano da reorganização do Exército.

Não houve, por tanto, motivo para os de Guimarães despertarem, protestando, desde logo, — se é lícito que se pense em protestos quando se sabe que uma medida legislativa obedece a um pensamento geral.

¡Caiu por isso de chofre sobre esta terra a má nova de que a banda regimental era — e foi! — dissolvida!

Em obediência á lei?

¡Mas, que nos conste, não foi, das muitas que por esse país fora no caso da nossa estã, dissolvida nenhuma outra banda regimental, dando-se até o caso de muitas das figuras da banda do 20 serem até nelas incorporadas!...

¡Estávamos destinados a ser os primeiros atingidos?

¡Que urgência, que conveniência pública o recomendava, se, a haver essa necessidade, ela se impunha que fosse recar nos regimentos ultimamente criados?! Voltaremos ao assunto.

REPORTAGEM

Conferência humorística,

em Vizela, realizou, na pretérita semana, o sr. tenente Valdez, promotor nesta cidade.

Assunção Pires,

comerciante, com estabelecimento de ferragens, nesta, está prêso e incomunicável como implicado na conspiração.

Chegou

o verão de 1912. Há esperanças que continue.

Representação

No próximo número daremos publicidade a uma representação da Câmara sobre assunto de interesse para esta cidade.

Infantaria 29

passou terça-feira, na sua máxima fôrça, por esta cidade, em escola de repetição.

Os nossos bombeiros

foram ao certâmen do Pôrto, mas, devido á sua abstenção calculada, não brilharam, tendo recursos para isso.

Quem perdeu

uma argola de ouro? Na merceria Guise, á Porta-da-Vila, se entrega em troca dos sinais... e sem alviçarás.

Perguntam-nos

quanto rendeu, entre nós, aquela subscrição promovida por o revolucionário Américo de Oliveira, de passagem para Lisboa, e cujo produto se destinava á compra de aeroplanos para o exército. Quem souber responder á pergunta é conveniente dar o devido esclarecimento, pois o interessado é pessoa que concorreu.

Grassa

o sarampo com assustadora intensidade.

Guimarães

emigrou... para banhos de mar na Póvoa de Varzim. Confirma-o o chefe da estação do caminho de ferro.

Os caçadores,

para solenizarem a abertura da época de caça, banquetearam-se, domingo último, na Penha.

O banquete

oferecido ao sr. Sousa Lobo, secretário de Finanças, no Sul Americano, em Vizela, esteve demonstrativo da afectuosa estima que os seus inúmeros amigos lhe tributam.

Romaria

a Nossa Senhora do Carmo, na Penha, no próximo domingo. Os operários de Rua de Couros vão ali de romagem, em satisfação de uma antiga praxe.

Pessoais

Está em Vidágo o nosso amigo sr. José de Pina, a uso daquelas milagrosas águas... com mais virtude que as de Lourdes.

Mais um

O rev. Pároco de V. N. de Sande João Cândido da Silva, foi prêso como implicado na trama ignóbil da conspiração. Diz o *Comércio* «que em breve a sua inocência brilhará como a clara luz do sol.» Assim seja, pois já estamos cansados de ver falharem tantos eclesiásticos.

O Barreto, filho,

de Sande, foi condenado na quasi carga máxima. Para quem até dava 60 votos por um lugar de vereador na República, é o cúmulo... da ingratidão.

Luz!

Reclamam-na os espiritos... e mais os moradores da Rua 31 de Janeiro. Ao vereador respectivo oferecemos o apelo, que nos parece justo.

Pão

Em atitude pacífica veio sabado a entender-se com a autoridade administrativa, gente do povo do Pevidém, carecida de pão que a feira não teve.

Voltou-se

um automóvel, quarta-feira, no Largo da República do Brazil. Os seus donos, aquistas de Vizela, ficaram maltratados, sem importância.

Teatro

no Gil Vicente, domingo sobe á scena a engraçada revista «Aguilha em palheiro». Os artistas são dignos do favor público.

Sardinha

fresca e boa, a saltar viva, todos os dias á venda na rua de Paio Galvão, junto á «Loja dos Caixeiros». Recomenda-se á policia.

Professores interinos

Nos termos do decreto de 19 de Novembro de 1908 (*Diário do Governo* n.º 271, de 28 de Novembro), os individuos habilitados para o exercicio do magistério e domiciliados na área do Circulo Escolar de Guimarães, que queiram exercer a regência interina de escolas ou classes no ano lectivo de 1912-1913 devem apresentar, de 1 a 30 de Setembro, na secretaria do mesmo Circulo, nos baixos do Hotel do Toural, competente declaração em papel comum, instruída com o diploma ou certidão de habilitação, e indicando os circulos em que se prestam a servir; e, caso já tenham serviço anterior no magistério primário official, quais as escolas e periodos em que foi prestado esse serviço.

Descanço nas farmácias

No próximo domingo encontra-se aberta a farmácia Alves Mendes.

ECOS

Das "Gualterianas,"

Fizeram a propaganda da Festa da Cidade, os seguintes jornais do país:

«Noticias do Norte», de Braga; «Semana Tirsense», de Santo Tirso; «O Intransigente», da Póvoa de Varzim; «Comércio da Póvoa de Varzim»; «O Barcelense», de Barcelos; «A Pátria», de Braga; «O Combates», de Rio Tinto; «Estrela do Minho», de V. N. de Famalicão; «A Pátria», de Lisboa; «O Comércio», de Lisboa; «O Famalicense», de V. N. de Famalicão; «A Voz de Gaia», de V. N. de Gaia; «O Desforço», de Fafe; «Cinco de Outubro», de V. N. de Gaia; «Noticias de Evora»; «Cinco de Outubro», da Régua; «O Povo do Norte», de Vila Rial.

Por algumas vezes publicaram noticias com gravuras:

«O Primeiro de Janeiro», «A Montanha», «Jornal de Noticias», «O Século», «A Folha Nova» e «A Capital».

Alguns mais, é de crer, se referiram ás nossas festas; como, porém, não temos em nosso poder nenhum exemplar que o comprove, deixamos por isso de fazer-lhe a referéncia. O nosso reconhecimento, como vimaraneses, para esses vá também.

—A cobrança vai um pouco atrasada, trazendo entre si surpresas edificantes. Pelo visto, temos que abrir aqui uma lista, á espécie de quadro negro, com o devido e justiceiro comentário, de mistura...

—No dia em que tiveram fim as «Gualterianas», a Câmara embandeirou e iluminou o seu edificio, tal qual como o havia feito nos demais dias da festa. A *Associação Commercial*, a colectividade promotora, nem uma nem outra coisa fêz, tal qual como nos demais dias da festa.

—A festa da cidade, segundo um maduro que escreve fundos para o *Imparcial*, é, desde a República—je aqui é que bate o ponto!—uma festa «aristocrático-popular. E porquê? ¡Porque custavam dinheiro as entradas no jardim... tal e qual como desde o primeiro ano!

O borranca!

—As «Gualterianas» de 1912, foram tristes; as ornamentações e iluminações eram tristes; o fogo e as músicas eram tristes; tudo tam triste, tam triste, que até o próprio céu chorou... de tristeza. Não há dúvida. Foi por isso que no domingo de festa, dia em que não houve chuva, o povo das aldeias afluio á cidade com danças e descantes. Não há dúvida! O povo fêz a vontade... aos criticos.

—O cinematógrafo deu-nos no domingo passado fitas onde se desenrolaram diversos aspectos das festas. E' uma documentação que não se contesta.

O Pão

Já chegou?

¡Sim, parece que efectivamente chegou o pão—não aquela quantidade que a Câmara, a autoridade e... não sabemos quem mais pediram, mas uma amostra, tanto como 1 vagon, enquanto um moageiro da cidade consegue 2, para vender, para comerciar!

Também não havia, dizia-se, grão de milho em celeiro particular. ¡Pois a 950 réis abriram-se agora, milagrosamente as tuilhas em mais que uma parte! Aonde se prova que a questão era toda de... dinheiro.

Bem feito o inquérito!

Bem guiada a requisição!

CARTA ABERTA

AOS

Católicos de S. Torquato

ÁS MÃES DE FAMILIA

Suspendo, por um momento, a ordem de ideias em que venho conversando, há uns tempos para cá, neste lugar, para me dirigir aos vossos corações de mães simples e honestas, afim de vos comover a ponto de, junto de vossos maridos, apelardes para a nobreza dos seus sentimentos, fazendo com que eles se resolvam a impor a immediata saída, dessa freguesia, do abade actual, o padre Guilhermino da Fonseca.

¡Não pode por mais tempo conservar-se á frente dessa populosa freguesia um homem que não tem feito outra coisa que atentar contra a honra dos vossos lares!

Vós, mães de familia, sabeis a esta hora, por certo, que, há mezes já, morreu no hospital da Misericórdia a vitima do vosso abade, aquela pobre rapariga da Corredoura a quem me referi na minha primeira carta de combate, essa desgraçada victima da fé religiosa, que lhe não deixou vêr que o pároco da sua freguesia a chamava ás novenas do Coração de Jesus para a roubar da única fortuna que a podia tornar feliz neste mundo: a sua honra! Não viu, não, a pobre criatura, na sua cegueira, cegueira que vós, ó mães, também possuís, não pôde vêr, a ingénua filha do honrado carpinteiro da Corredoura, que dentro da batina sacerdotal do padre cura se albergava o monstro ignóbil do devasso. Não lhe ensinaram á pobre rapariga, como eu hoje estou ensinando ás filhas que me lêrem, que o verdadeiro santuário é o lar em que vivemos e nos criamos, que o verdadeiro cura é o nosso pai, e que os padres, com aliás raríssimas excepções, são homens como todos os homens, sujeitos ao vício e á maldade, e que sobre essa circunstância tinham, e talvez ainda hoje tenham, uma certa irresponsabilidade que os priva de prestarem aos homens as contas dos seus crimes, dos seus latrocínios...

¡Pois não será grandemente traído o padre que á sombra da fé religiosa atira para a fome, para a miséria moral, as criaturas que nele confiam e se lhe entregam de corpo e alma, julgando assim ter certa a entrada no céu, que os padres lhes desenharam?! ¡Que nome pode ter este caso conhecido de todos vós, da rapariga da Corredoura, que, indo com outras ás novenas do Coração de Jesus, passado algum tempo foi seduzida pelo abade Guilhermino da Fonseca, que, descoberto o crime, induziu a mesma a fugir aos pais, mantendo-a aqui, em Guimarães, durante algum tempo, levando-a depois para a freguesia de Abação, onde ele ia, disfarçado, visita-la, até que o povo da freguesia, descobrindo-o, obrigou a rapariga a fugir de lá, vindo ela então para esta cidade, já abandonada do padre e com duas criancinhas, empregar-se numa fábrica, em cuja vida a tuberculose a procurou e a matou dolorosamente no hospital?!... ¡Que nome tem este caso, ó mães que me estais lendo?!

Olhai para as filhinhas que aí ao pé de vós brincam neste momento. Olhai para esses botões de rosa que vos alegam o lar. ¡Se vos dissessem, se vos garantissem, amanhã, que esses rebentos do vosso amor, que esses pedacinhos de alma da vossa alma, seriam desonradas pelo vosso abade e iriam morrer tuberculosas e abandonadas no hospital, qual seria o vosso desejo, ó mães?! Nenhuma de vós desejaria ter uma filha se suspeitasse de tam trágico e des-

graçado fim. Estamos certos disso. Pois bem. Eu venho pedir-vos em nome da morta, da honesta rapariga da Corredoura que foi vitima da fé, da fé que afinal vos embala também; eu venho pedir-vos pela memória do honrado pai dessa rapariga, que foi sempre honesto e sempre trabalhador; eu venho pedir-vos, pelo futuro dos vossos filhos, pela honra das vossas filhas, o seguinte: Procurai o momento mais sereno da vida caseira, quando o vosso chefe de familia esteja bem disposto a ouvir-vos, e, entre uma carícia e uma palavra amiga, dizei-lhe: — Repara, meu homem, naquela nossa filhinha que além brinca num sonho todo feito de inocência. Vê como naquele olhar brinca o brilho dos olhos meus, e naquele sorrir se desenha o sorrir da tua infância. Vê como toda ela, a nossa querida filhinha, é o espelho do que nós somos, no mais íntimo do nosso ser, vê como ela é bem o fruto do nosso amor bendito.

¡Pensa na desgraça que seria para nós ver aquele anjinho morto, frio, sem luz no olhar, sem côr nos lábios lindos! ¡Pensa, meu homem, na falta que nos fazia ao coração a vida daquela rosa que com tanto carinho e meiguice fizemos chegar áquela beleza! Ora escuta, ouve bem o meu coração de mãe: ¡Supõe tu que, ao chegar á idade da primeira comunhão, a nossa pequerrucha vai, toda de branco, linda, muito linda, até lá cima, ao Mosteiro, receber do nosso abade a hóstiazinha primeira, aquela pequenina partícula que representa para nós o próprio corpo de Deus, consagrado e materializado, e que, uma vez recebido pela nossa filha, a torna cristamente filha de Deus!

¡Como deve ser um dia grande para nós, meu homem! E, depois, o senhor abade, que a viu, que lhe palpou as lindas mãozinhas, que lhe leu nos olhos a graça infinita que a tornará formosa passados alguns anos, o senhor abade, que nela reparou, principia a dizer-nos que a pequena é «muito fina», que aprende muito bem a doutrina e que é preciso aproveitar-lhe esse talento; que a voz dela é muito boa para cantar, em côra, a ladainha da Virgem ou do Coração de Jesus; que devemos mandá-la amiudadas vezes á igreja; que, enfim, tenhamos paciência, mas é preciso guiar aquela alma pelo bom caminho, o caminho de Nosso Senhor... E demais, acrescentará o senhor abade, a pequena tem um palminho de cara muito regular e as tentações não faltarão; afastem-na o mais possível das rifas, das esfolhadas, dos linhais, que a pequena pôde perder-se. Mandem-na até «cá acima» que a palavra de Deus nunca a prejudicará. Vejam aquela filha do Manoel do Minho, uma cara tam linda, apaixonada pelo filho do caseiro do sr. dr., que é mesmo uma desgraça. Tam nova, e, qualquer dia, lá está casada, cheia de filhos, não podendo vir confessar-se e comungar a tempo e horas... uma desgraça!

E depois, homem, a gente não quer ir contra a vontade do senhor abade; manda a pequenita á novena, ela começa a gostar daquela cantoria e passa a ser filha zeladora do Santissimo Coração de Jesus ou de Maria; e um dia, meu homem (aí, que grande desgraça!) a nossa rapariga começa a descorar, a comer pouco; eu desconfio, ando-lhe na côra e, que sei eu! ¡Ai, meu Deus, nem me quero lembrar o que será de mim, se vejo a minha rica filhinha tal e

qual como a filha do Zé António, da Corredoura!

Que vergonha, que grande vergonha!

Eu, depois, tu expulsas a pequena, o padre acolhe-a, mas, passados tempos, abandona-a, e ela, a pobre, sem ninguém que a proteja, anda pelas fábricas, passa fome, porque não lhe chega o que ganha para o sustento dos filhos, e começa a tossir, a tossir... e, no hospital, acaba os seus dias sózinha, porque tu não me deixas ir vê-la, beija-la!...

Como é doloroso o quadro! E tu, meu homem, podes, com os teus amigos, prevenir este mal.

Eu quero que a pequena viva e morra na religião que a mim me ensinaram. Mas tenho vontade que haja um exemplo cá na freguesia, exemplo que mostre que nós, os pobres, também temos o conhecimento da honra. As filhas dos pobres tem tanto direito ao respeito, como as filhas dos homens de dinheiro. E, por isso, homem, tu falas com os teus amigos, juntam-se em comissão, correm a freguesia, contam ao povo os crimes do abade e dirigem-se depois à residência paroquial e intimam o padre Guilhermino a abandonar a freguesia dentro em 24 horas, visto que o arcebispo não o manda, embora saiba isto tudo. E vão dizendo ao intimado que, se findo o prazo ele desobedecer... então deixem o caso por nossa conta!...

Porque tu bem sabes, homem, que o senhor administrador do concelho não poderá ir contra nós por defendermos a honra das nossas filhas, mesmo pela violência. E podes estar certo que, se tu não tens coragem para ir tratar do assunto, vou eu, e olha que não me é difícil resolvê-lo. Acima de tudo a nossa dignidade e a honra da nossa própria freguesia. O outro povo há de julgar que aqui em S. Torquato não existe amor de mães pelas suas filhas e que nós, as mulheres do povo, andamos a criar as filhas para amantes dos padres e para morrerem tuberculosas no hospital, como aconteceu à pobre Antónia...

Era assim que eu queria ouvir falar, ó mães católicas de S. Torquato! As palavras assim proferidas não são de ódio: são de amor. A defesa dos filhos é sempre nobre, seja ela de armas na mão e punhal entre os dentes. Dizem os padres que Jesus, o doce Jesus, azorragou os vendilhões do Templo. O vosso abade, que julga comprar-vos as filhas prometendo-vos o céu em troca, precisa de ser escorraçado. Se vós o escorraçardes vingais duas mortes, salvais o futuro das vossas filhas, honrais a vossa religião, dais, numa palavra, uma lição ao País, e o vosso nome será bendito!

Julgo que não será preciso voltar ao assunto...

Rabi.

Sociedade Protectora dos Animais

A Direcção da Sociedade Protectora dos Animais, de Guimarães, vem por esta forma tornar público o seu agradecimento a todas as colectividades e entidades que se fizeram representar na sua sessão solene realizada em 28 do passado mês de Julho, aos oradores que na mesma tomaram parte, os srs. cônego José Maria Gomes, Alfredo Guimarães e Serafim Rodrigues, e ao Grupo Musical Recreativo por a sua valiosa cooperação naquela festa.

A mesma Direcção pede desculpa da demora deste testemunho do seu reconhecimento às entidades referidas, demora devida ao desejo de o sancionar em reunião de direcção.

Guimarães, 25 de Agosto de 1912.
Pela Direcção,
(a) António E. de Quadros Flores.

Aos Fiscais do Descanço e às autoridades competentes

Observa-se aqui em todas as colectividades, em todas as comissões encarregadas de qualquer missão de alto alcance social ou de grande interesse colectivo, um espantoso indiferentismo, um lamentável desinteresse pela causa em que foram investidas.

Nestes casos se encontra a Comissão de Vigilância do Descanço Semanal, que, devido à sua indolência e à sua falta de zelo ou capacidade, se deixa corromper na luta pelos nossos direitos e interesses colectivos.

Nós, caixeiros—crentes de que à frente da nossa causa estavam homens de verdadeiro amor colectivo, defensores acérrimos dos nossos legítimos direitos e das nossas mais caras regalias; crentes de que essa comissão cumpriria escrupulosamente o mandato que lhe confiou uma colectividade inteira, esperando dela uma enérgica vigilância e o correctivo aos infractores da lei do Descanço Semanal, vêmo-la, com profunda mágoa, enveredar por caminhos obscuros, permitindo que o Descanço em Guimarães fique abandonado nas mãos daqueles comerciantes egoístas e rotineiros, que ao domingo, dia consagrado às nossas regalias, desrespeitam a lei que nos trouxe algumas horas de Descanço, após seis dias consecutivos de árduos trabalhos.

Coisas há, além disto, que nos revoltam e nos obrigam a vir a público, pelos jornais, combater contra o despotismo feróz dalguns nossos colegas, que dispõem da nossa classe como coisa de pouca valia, devido ao letargo profundo em que jaz a comissão do Descanço Semanal, que, a caminhar assim na vida associativa, sem interesse pela causa para que fôra eleita, indiferente á situação da nossa classe, háde ver por terra toda a obra de aceras lutas com os governos que nos causaram muitos desgostos, e represalias durante longos trinta anos.

Contra tudo isto se revoltam ainda os mais moderados ao sentirem ainda as grilhetas do balcão, e até aqueles que já não precisam da lei, mas que a defendem para os que não podem levantar a sua humilde voz no centro da sua classe.

Urge pôr cõbro a estes abusos, que tanto nos prejudicam.

Urge que, duma vez para sempre, essa comissão de vigilância acorde, fazendo cumprir, sem delongas, o que preceitua o regulamento da Ex.^{ma} Comissão Administrativa Municipal de Guimarães. Mas se estas nossas humildes palavras não demoverem aquela comissão, então recorremos para as autoridades competentes, a quem compete também essa fiscalização.

Um Caixeiro.

Guimarães, 26—8—1912.

Comunicado Contribuição industrial dos procuradores em 1912

Repartição feita pela junta dos repartidores

Coutinho.	9\$000
Ferreira, pai	27\$000
Faria.	11\$000
Castro	22\$000
Pimenta	28\$000
Couto	14\$000
Ferreira, filho	11\$000
Correia	10\$000

Está feita com justiça?... A quota é de 15\$000 réis.

Guimarães, 20 de Agosto de 1912.

João Alves Pimenta.

EDITAL

(1.^a Publicação)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho de Guimarães

Faz público que no dia 1.^o de Outubro deste ano, pelas 12 horas, se procederá à arrematação, por propostas em carta fechada, do exclusivo da venda de carnes provenientes de gado bovino, lanigero e caprino, pelo tempo de dois anos, a contar do dia 1.^o de Janeiro de 1913, na povoação das Caldas de Vizela e freguesias de Moreira de Cónegos, Lordelo, Tagilde, S. Faustino, S. Paio e Infias, conforme as condições que se acham patentes na secretaria municipal.

Os concorrentes deverão dirigir as suas propostas em carta fechada ao presidente da Comissão Administrativa do Município, que serão abertas no dia acima prefixado em sessão pública, comparecendo no acto da praça para depositarem em mesa a quantia de 100\$000 réis, nos termos das condições que se acham patentes.

E para todos os fins e efeitos legais se publica o presente e outros de igual teor, nos logares do costume e estilo, e ainda pela imprensa.

Guimarães, secretaria municipal, 26 de Agosto de 1912.

O Escrivão da Câmara,

José Maria Gomes Alves.

Verifiquei.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

EDITAL

(1.^a Publicação)

A Câmara Municipal deste concelho de Guimarães

Faz saber que no dia 17 do próximo mês de Setembro, pelas 12 horas, nos Paços do Concelho, tem de arrematar-se em hasta pública a continuação da obra de prolongamento da rua de Paio Galvão, desta cidade, que consiste na regularização de terreno, respaldamento, capeamento e coroamento com papeito do muro de suporte, assentamento de guia para os passeios, construção dos canos de esgôto necessários e respectivas bôcas de lóbo, e, finalmente, na calcetaria de toda a rua, sob a base de licitação de 480\$000 réis.

As condições estão patentes na secretaria da câmara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos logares mais públicos.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 24 de Agosto de 1912. E eu José Maria Gomes Alves, Secretário da Câmara o subscrevi.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

Casa de Quinta

Arrenda-se a casa da Quinta de Alvim, em Guimarães, situada a meia encosta do Monte da Penha e distante apenas 10 minutos de bom caminho da Estação Ferrea, assim como igualmente da cidade. Como está sobranceira à cidade, disfruta-se um belo panorama, ao mesmo tempo que é circundada de mata e campo cultivado.

Tem magnífica água de mina ou de bica, captada e conduzida do cimo do Monte da Penha. Esta casa, em condições excepcionais para sanatório, para o que aliás nunca serviu, é toda corrida em um só andar e compõe-se de salas amplas, todas elas arejadas e bem iluminadas pelo sol, e em número suficiente para uma família de cinco ou seis pessoas. Póde ser fornecida alguma mobília. Tratar à Rua Breiner, 45—Porto.

Pinheiro

Empresta-se sobre grandes ou pequenas hipotecas até 10:000\$000 réis.

Cartas à redacção deste jornal a «Waldemar».

Venda de casas

Vendem-se as duas moradas de casas da rua do Dr. Avelino Germano com os números 62 a 64 e 66 a 68.

Nesta redacção se dão informações.

EDITAL

(2.^a Publicação)

O Cidadão Guilhermino Alberto Rodrigues, Administrador do Concelho de Guimarães:

Faz saber que João Mendes Ribeiro, negociante e industrial da freguesia de S. Jorge de Selho deste concelho, apresentou nesta administração um requerimento pedindo concessão de licença para a fundação de uma fábrica de fiação, num terreno situado no logar do Pevidem da mesma freguesia.

Dentro da referida fábrica será instalado o seguinte:

“Uma locomovel “Lauz”, tipo “S. C. E Compound”, de vapor sobreaquêcido com condensação da força normal de 100 cavalos efectivos e máxima continua 125;

1 gerador de corrente trifásica da casa “Derlikon”, com a potência de 102 K. V. A, 220 Volts e com a frequência de 50 periodos;

1 quadro de distribuição para os seguintes motores: 6 para os torces, 1 para as cardas, 1 para os batedores e 6 motores fiandeiros para os contínuos.”

Este estabelecimento acha-se incluído na 2.^a classe da tabela anexa ao decreto de 21 de Outubro de 1863 com a indicação dos seguintes inconveni-

entes: Perigo de explosão e incêndio.

São por isso convidadas as autoridades públicas, os chefes e agentes de quaisquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas a reclamar, por escrito, nesta administração do concelho, no prazo de 30 dias a contar da data da publicação do presente edital, se quiserem opor-se á concessão da requerida licença; e, findo que seja aquele prazo, não havendo reclamação alguma seguirá o processo os seus devidos termos.

Para constar se passou o presente edital e outro de igual teor, que serão afixados nos logares indicados no § 1.^o do artigo 6.^o do decreto acima citado.

Administração do concelho de Guimarães, 26 de Agosto de 1912.

E eu Acácio Machado da Silva Faria Oliveira, amanuense servindo de secretário, que o subscrevi.

Guilhermino Alberto Rodrigues.

Arrematação

(2.^a Publicação)

No dia treze do próximo mês de Outubro, pelas onze horas, à porta do tribunal desta comarca, sito na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, e para pagamento de passivo descrito e aprovado no inventário orfanológico por óbito de Vitorino Simões Sampaio Bragança, casado que foi com a cabeça do casal D. Emília da Glória Dias Ferreira, do logar de Portezêlo, freguezia de São Tomé de Abação, desta comarca, ha de proceder-se á arrematação, em hasta pública, dos bens abaixo mencionados, os quais serão entregues pelo maior lance oferecido acima da sua avaliação, ficando por conta do arrematante toda a contribuição de registo, a saber:

Diversos mobiliários e roupas; o casal denominado de Portezêlo, situado, com todas as suas pertencas, águas, poses, direitos, acessórios, servidões activas e mais logradouros na freguezia de São Tomé de Abação, desta comarca. E' de natureza enfiteutica, foreira ao Conde de Margaride, desta cidade, ao qual se paga o fôro annual de 58,¹ 254 de milho alvo, correspondentes a três alqueires da antiga medida deste concelho, 29,¹ 127 de centeio, correspondentes a alqueire e meio da mesma antiga medida, e 480 réis em dinheiro, com o laudémio da quarentena, pagando-se mais aos possuidores do casal do Penêdo Velho, pela água que vem para o tanque deste casal de Portezêlo, a pensão annual de 58,¹ 254 de pão meado, milho alvo e centeio, correspondentes a três alqueires da referida antiga medida deste concelho.

Este casal compõe-se das seguintes glebas:

O assento, que é formado de casas sobradadas, com suas salas, quartos, cosinha, lojas, lagar e lagarêta, casas terreas, côrtes, eido, com sua ramada, fechado por dois portais, sendo um ao nascente e outro ao poente, alpendre e eira de pedra, capela e mais dependências, e, junto e unido, o quintal com tanque e água de bica explorada em terrenos do casal do Penêdo Velho, e o campo da Vessada e Combra, terra lavradia com arvores de vinho e fructa, e um moinho; Campo denominado de Pinhô, lavradio, com arvores de vinho; campo denominado da Eira, terra lavradia, com arvores de vinho, tendo ao norte um rôço com carvalhos e salgueiros: este campo está sujeito à servidão duma mina de água que vai regar o campo da

Vessada, pertença do casal de Balborreiro, situado na freguezia de São Tomé de Abação; Campo denominado de Oleiros, terra lavradia com arvores de vinho e com servidão de bois e carros por prédios do casal de Balborreiro; — duas leiras denominadas de Oleiros, com um rôço de mato e carvalhos, formando tudo um só prédio; Campo chamado de Pereiroz, lavradio, com arvores de vinho e servidão activa de bois e carros por prédios do casal dos Jucados; A veiga Grande, também conhecida por veiga de Baixo, lavradia, com arvores de vinho e um rôço com carvalhos; A veiga Pequena, terra lavradia com arvores de vinho e um rôço com carvalhos; O campo denominado de

Cortamil, terreno lavradio com arvores de vinho e oliveiras, tendo também um combro com carvalhos e servidão de bois e carros por terras da quinta do casal e dôze horas de água aos domingos, de quinze em quinze dias, da poça da Goiça, desde 24 de Junho a 15 de Agosto de cada ano; O lameiro denominado do Gato Bravo, antigamente chamado do Longal, lavradio, com arvores de vinho e com água de torna em torna desde o dia de São Miguel até o dia de São João, do barroco do Longal, e desde o dia de São João ao dia de São Miguel, todas as semanas vinte e quatro horas, desde sexta-feira ao meio dia até sábado à mesma hora; Campo denominado do Alqueidão, lavradio, com arvores de vinho e com água de

torna em torna desde o dia 24 de Junho a 29 de Setembro; A propriedade denominada da Boucinha, composta de casas terreas, telhadas, e de terras de horta com arvores de vinho, fruta e ramadas, e junto a esta propriedade um terreno actualmente cultivado, com arvores de vinha e que em tempo era a devesa da Boucinha; A sorte denominada do Calvário ou do Cruzeiro, próximo ao cemitério paroquial, terras de mato com carvalhos e pinheiros; Sorte denominada da Assubida, também conhecida por sorte da A'gua Levada, ou Cerquinha, terra de mato com carvalhos. O referido casal foi avaliado, com dedução do fóro, lau-

démio e pensão na quantia de 6:200\$005 réis. E a pensão activa consistente em 29, 1 129 de meado, milho alvo e centeio, em partes iguais, que ao mencionado casal é obrigado a pagar o casal do Balborreiro, da freguezia de São Tomé de Abação, desta comarca, como indemnização da servidão duma mina de água que vai regar o Campo da Vessada, pertença daquêlê casal do Balborreiro, à qual servidão está sujeito o campo da Eira do casal a pracear. Foi avaliada na quantia de 20:300 réis. Guimarães, 14 de Agosto de 1912. Verifiquei a exactidão. O Juiz de Direito, P. de Rezende. O escrivão do 4.º officio, Joaquim Penafort Lisboa.

Ao Chic da Moda

DE

Camilo Alves de Almeida

12, P. D. Afonso Henriques, 13 (Antigo Tournal)

GUIMARÃES

Modas, fazendas brancas e miudezas. Especialidade em panos brancos, rendas e bordados para enxovaes. Chá preto e verde.

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo de Araujo.

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão

78, Rua da República, 80

(ANTIGA RUA DA RAINHA)

GUIMARÃES

Papeis pintados para forrar casas

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, óleos, tintas, vernizes, vidros, cera em velas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo

Abilio d'Almeida Coutinho 113, Rua da República, 115

Solicitador encartado

Guimarães

Tem sempre capitais para colocar sobre hipotecas ou letras. Compra e venda de papeis de credito, mediante uma diminuta percentagem sobre as cotações da Bolsa do Pôrto.

Compra e venda de predios urbanos e rusticos, para o que há sempre pretendentes. Transacções sobre direitos e heranças.

Sobre todas estas operações, de que está encarregado, guarda-se segredo profissional, tratando-se somente com os interessados.

Camilo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios

DEPOSITO DE MALAS

VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura	Preço das publicações
Ano 1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha 40 rs.
Semestre 600 "	Repetição, por linha 20 "
Brazil, ano (moeda forte) 2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.
Numero avulso 30 "	Anuncios, não judiciaes, para os srs. assignantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Ao Cidadão